

Desemprego feminino envelhecido: Uma história de resistência à invisibilidade

Pedro Araújo¹

Resumo:

A reflexão proposta neste artigo começa com um fim: o encerramento de uma cerâmica de Coimbra, a Estaco, e recupera a história de desemprego de quatro operárias, centrando-se, fundamentalmente, na história de resistência protagonizada por uma delas, Andreia. Acompanhando o percurso de desemprego de Andreia, torna-se claro o modo como esta se confronta a uma estrutura de oportunidades rígida e sexualmente diferenciada, que, a obriga a reconverter-se na área dos cuidados a crianças. A restrição dos horizontes – expressa na redução das oportunidades profissionais – e os destinos traçados – expressos na limitação do acesso à integração profissional a atividades «femininas» e desqualificadas – são reveladores do modo como as desigualdades entre homens e mulheres, ainda fortemente presentes no mercado de trabalho, encontram eco nas experiências do desemprego das mulheres.

Palavras-chave: Desemprego feminino; Experiências do desemprego; Estrutura de oportunidades; Testemunho.

“(…) nous ne sommes qu’à peu près en toutes choses.”
Albert Camus (1956)

Introdução

Os momentos de crise são sempre momentos de ressurgência da problemática do desemprego nas agendas políticas e nas agendas de pesquisa sociológica. No entanto, as experiências do desemprego continuam a ser a face oculta, silenciosa mesmo, das estatísticas do desemprego. Quando se fala de desemprego são os números que ocupam a linha da frente. Números que assustam e que pouco ou nada dizem sobre as vivências concretas de situações de desemprego.²

¹ Investigador do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra.

² O medo do desemprego alimenta, por sua vez, aquilo a que Boaventura de Sousa Santos (1998: 36) designa por *fascismo da insegurança*: “a manipulação discricionária da insegurança das pessoas e grupos sociais vulnerabilizados pela precariedade do trabalho (...) produzindo-lhes elevados níveis de ansiedade e de insegurança quanto ao presente e ao futuro de modo a fazer baixar o horizonte de expectativas e a criar a disponibilidade de suportar grandes encargos para obter reduções mínimas dos riscos e da insegurança”.

Foi, de facto, a vontade de compreender o peso do desemprego a nível individual, familiar ou para uma comunidade que animou os estudos pioneiros sobre as experiências do desemprego (Lazarsfeld *et al.*, 1981; Bakke, 1933, 1940; Ledrut, 1966). Duas limitações importantes marcarão, todavia, estes trabalhos. Primeiro, o facto de se apoiarem num perfil único de desempregado associado à figura do *male breadwinner*. Segundo, o facto de pensarem o desemprego como um estado que tende a homogeneizar as experiências (Demazière, 1995; Castel, 1995). O que os trabalhos empíricos têm vindo a reforçar é que o desemprego não anula as diferenças entre desempregados/as e que existe uma extrema variedade de maneiras de viver o desemprego (Clayton, 1988; Schnapper, 1994; Bourdieu, 1993a; Demazière, 1995; Demazière e Dubar, 1997; Commaille, 1999; Gallie e Paugam, 2000; Rosa *et al.*, 2001; Linhart, 2003; Rémillon, 2006; Demazière e Guimarães, 2006).

No âmbito deste artigo, partindo dos resultados de uma pesquisa sobre os/as ex-trabalhadores/as de uma cerâmica de Coimbra falida em 2001 (Araújo, 2008), proponho-me trabalhar exclusivamente quatro entrevistas – três das quais de modo mais superficial e uma em profundidade – conduzidas com ex-operárias da Estaco e, conseqüentemente, emprestar às suas narrativas uma escuta que se poderia classificar de íntima.³

E isso por três razões principais.

A primeira devido ao já referido lugar dominante que a figura do *male breadwinner* ocupou enquanto perfil homogéneo do desempregado nos estudos pioneiros votados às experiências do desemprego. A segunda devido ao facto de, apesar de reconhecidas algumas particularidades estatísticas associadas ao desemprego feminino – como a incidência, o período de duração, etc. –, continuarem a escassear os estudos votados exclusivamente às vivências femininas do desemprego, aos efeitos específicos do desemprego para as mulheres e aos modos de reação/adaptação das mulheres às situações de desemprego (Marshall, 1984; Gallie, Marsh e Vogler, 1995; Wilczyńska-Kwiatkiewicz e Bargiel-Matusiewicz, 2008). Finalmente, porque se é verdade que a perda de emprego num momento crítico da trajetória de vida e profissional das pessoas pode funcionar como um factor redutor das opções mobilizáveis para enfrentar a situação de privação de emprego e das oportunidades objetivas na transição entre desemprego e regresso ao emprego, esta situação agrava-se quando cruzada com variáveis como a idade, a ausência de habilitações e qualificações e o sexo.

A restrição dos horizontes – expressa na redução das oportunidades profissionais para determinadas mulheres na sequência da perda de um emprego – e os destinos traçados – expressos na limitação do acesso à integração profissional a atividades «femininas» e desqualificadas para determinadas mulheres – são reveladores do modo como as desigualdades entre homens e mulheres, ainda fortemente presentes no mercado de trabalho, encontram eco nas experiências do desemprego de algumas

³ As entrevistas foram realizadas entre novembro e dezembro de 2005, quatro anos após o encerramento da fábrica.

mulheres. A análise das experiências do desemprego de quatro mulheres mais do que oferecer resultados definitivos, procura salientar a necessidade, por um lado, de aprofundar os estudos no âmbito das experiências femininas do desemprego e, por outro, de encetar, entre nós, a realização de estudos longitudinais que permitam uma melhor compreensão da heterogeneidade dos percursos de desemprego e dos factores que os influenciam tanto positiva, como negativamente.

1. O fim da Estaco, a incerteza dos destinos e a resistência

Por ora, regressemos à Estaco ou melhor ao fim da Estaco, este acontecimento irreversível que representou um momento de rutura na estrutura sequencial do curso de vida de operários e operárias e que veio alertar drasticamente a sua relação com o emprego e o mundo.

Fundada em 1946, a Estaco chegou a empregar cerca de 1.000 trabalhadores/as e a deter uma unidade de produção em Moçambique. A Estaco produzia para exportação e mercado nacional três produtos – azulejo, sanitário e pavimento – o que lhe conferia uma posição de destaque a nível sectorial, nacional e, mesmo, internacional. Resumindo uma história cheia de peripécias, no final de um processo que durou cerca de seis anos, a 24 de outubro de 2001, o 2º Juízo Cível da Comarca de Coimbra sentenciava pela falência das Cerâmicas Estaco.

Uma das principais conclusões à qual chegou o estudo no qual se inserem as experiências que irei analisar diz respeito à inédita centralidade que o Estado social passa a ocupar na vida de pessoas perfeitamente integradas no mercado de trabalho e perfeitamente produtivas que, na sequência da falência da Estaco, se tornam parte da problemática categoria dos/as desempregados/as envelhecidos/as e desqualificados/as (Araújo, 2008).

Na sequência da falência da fábrica, o trabalho assalariado perde a sua função de redutor da insegurança em favor do Estado social que passa a deter o monopólio das expectativas. É do Estado que desempregados e desempregadas esperam proteção: sob a forma do subsídio de desemprego, do subsídio social de desemprego, da reforma antecipada, da reforma por invalidez, da reforma. Solicitar do Estado mais proteção implica, para estes/as trabalhadores/as “velhos/as demais” (Demazière, 2002), uma tomada de consciência, da pior forma possível talvez, que se tornaram descartáveis (*disposable*), no sentido de Henry A. Giroux (2006). Que integrem precocemente os mecanismos socialmente reconhecidos de interrupção da vida ativa e de inatividade ou que esgotem passivamente os seus direitos à indemnização de desemprego, o que importa, do ponto de vista da sua gestão institucional, ou por parte do mercado, é que se tornem invisíveis.

A análise das entrevistas com as desempregadas da Estaco (cujo perfil é marcado pela idade crítica na qual se encontram relativamente à possibilidade de reintegrar o

mercado de trabalho e pela falta de habilitações e de qualificações)⁴ permite destacar alguns efeitos do desemprego feminino, de entre os quais há quatro que nos parecem particularmente relevantes: i) a perda da autonomia financeira e o reforço da dependência com a cessação dos direitos indemnizatórios; ii) o refluxo em direção à esfera doméstica e o maior envolvimento na prestação de cuidados de proximidade; iii) a limitação ou mesmo a anulação da possibilidade de prestar auxílio monetário aos descendentes e uma subsequente restrição financeira na operatividade das solidariedades familiares; e iv) a redução do acesso à integração profissional a atividades «femininas» e desqualificadas, que indicia uma maior rigidez da estrutura de oportunidades para as mulheres na transição desemprego-emprego e o seu potencial agravamento, na oferta como na procura, quando cruzada com variáveis como a idade, a ausência de habilitações e de qualificações. É sobre este último efeito que insistiremos com a história de desemprego de Andreia, uma história de resistência que difere das histórias de Teresa, Sara e Ana, nas quais é mais notório o efeito paralisante que pode exercer a perda de um emprego, mais notória a incerteza dos destinos. Teresa, Sara e Ana revelam bem o modo como segurança e estabilidade podem funcionar como uma cidadela que, com o correr da vida, se torna progressivamente mais difícil de abandonar. Ou de perder.

Em Teresa e Sara, duas ex-operárias da Estaco com, respetivamente, 45 e 49 anos no momento do encerramento da fábrica, em 2001, está, de facto, bem patente o refluxo para a esfera doméstica e o maior envolvimento na prestação de cuidados de proximidade (aos netos, neste caso), que aparecem como uma alternativa, senão a alternativa ao desemprego. Mas, igualmente, este outro modo de se tornar invisível que é a integração, ainda que precoce, nesse mecanismo socialmente reconhecido de interrupção da vida ativa e de inatividade que é a reforma. Em Teresa e em Sara encontra-se a mesma consciência aguda de que o mercado de trabalho se lhes tornou hostil. Mas encontra-se, igualmente, um marcado sentido de dever cumprido e um notório cansaço resultante de uma vida de trabalho e dedicação que deveria culminar numa reforma tornada agora num ideal mais difícil de atingir.

– **Entrevistador: E consegue pensar que nunca mais vai trabalhar?**

– Teresa: *Eu sei lá. Quando a minha neta for mais velha e se não tiver mais*

⁴ A idade é um elemento absolutamente crucial. Tornou-se um lugar comum dizer dos/as desempregados/as que atingem um determinado patamar etário que são *velhos de mais para arranjar trabalho* e *novos de mais para a reforma*. Um lugar comum que adquire, porém, novos contornos quando se sabe que “a barreira dos 45 anos parece constituir o ponto de viragem no comportamento do mercado de trabalho face ao recrutamento” (Centeno, 2003: 43) e que os adultos de meia-idade constituem o grupo que maiores dificuldades encontra para ultrapassar uma situação de transição nos seus percursos profissionais (Centeno *et al.*, 2001; Centeno, 2003; Rémillon, 2006). Porém, o perfil dos/as desempregados/as deve ser apreendido tendo em conta, igualmente, o contexto no qual as experiências do desemprego se desenrolam. A título de exemplo, é importante referir que, em 2001, aquando do encerramento da POCERAM e da CERES, duas cerâmicas que, com a Estaco, formavam o trio das cerâmicas de Coimbra mais importantes, o Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Cerâmica, Cimentos e Similares do Centro estimava que, numa década, perto de 40 cerâmicas de grande dimensão da região tinham encerrado deixando mais de 5.000 pessoas no desemprego. A articulação sector-região ou, retomando José Reis (2004), a excessiva especialização de determinados sistemas de emprego locais, exprime claramente o efeito que poderá ter nas vivências do desemprego a fragilização territorial ao nível do mercado de trabalho.

nenhum neto... Eu precisava de ter mais algum tempo de desconto. Já que tive um princípio tão bom, um meio muito mau, que é este, queria ter uma velhice um bocadito melhor. Tenho trinta anos de descontos, mais cinco ou seis. Quando a miúda tiver dez ou onze anos. Quando já não precisar de mim. Trabalhar mais uns cinco ou seis anos para ter uma reforma um bocado melhor, para ver se gozo melhor a velhice. Não sei se é boa ideia ou se não...

– Entrevistador: E o que é que pensa fazer [quando acabar o subsídio de desemprego]?

– Sara: Eu não sei, eu só quando acabar o meu desemprego... Sei lá, mesmo com esta pouca saúde, vou ter de arranjar umas horas ou então tenho de tentar meter os papéis para a invalidez. Como tenho 53 anos não tenho direito à reforma, porque não tenho 55, mas vou tentar meter os papéis para a invalidez. Quando isto acabar. Depois logo se vê. Se conseguir ficar com a invalidez, olhe, oriento-me assim senão... Sei lá, olhe, não sei, não sei mesmo! Está a ver o que é a gente não saber nada? (...) Eu não lhe dizia há bocado que ainda era capaz de ir para a fábrica. Era porque, não é que tenha saúde, mas era o amor que eu tinha por aquilo. Era por amor.

De acordo com Agnieszka Wilczyńska-Kwiatek e Kamilla Bargiel-Matusiewicz (2008: 64), depois de um período prolongado de desemprego, as mulheres tendem a orientar as suas estratégias no sentido de lidar com o desemprego e não de procurar um novo emprego. O desemprego aparece, pois, de modo mais acentuado nas mulheres do que nos homens, como exercendo um efeito de descomprometimento relativamente ao mercado de trabalho e acentua a procura de “estatutos de substituição” (Schnapper, 1994). Na mesma linha Duncan Gallie e Serge Paugam (2000), desta feita, a propósito dos efeitos das prestações de desemprego na motivação para procurar emprego, o *benefits effect*, verificaram que as prestações, mesmo quando generosas, no geral, não parecem ter qualquer efeito na desvalorização e desmotivação relativamente ao trabalho e à procura de emprego por parte dos/as desempregados/as. Todavia, os autores referem, que observaram, excecionalmente, evidências consistentes na desmotivação para procurar emprego no caso das mulheres vivendo em sociedades mais tradicionais (Portugal, Grécia, Itália e Espanha).

Assim, onde o papel das mulheres é, sobretudo, definido pelas suas funções e responsabilidades como «esposa» e «mãe» – ou, no caso da Estaco, como «avó» –, verifica-se uma menor flexibilidade relativamente às condições de reentrada e um maior descomprometimento relativamente ao mercado de trabalho. A desmotivação e o descomprometimento resultam, deste modo, não dos benefícios em si, mas, isso sim, da interação entre benefícios e uma tradição cultural específica (Gallie e Paugam, 2000: 358). De fora ficam factores importantes a imputar ao mercado como, por exemplo, a discriminação (em razão da idade e do sexo ou da sua interação) e a sua acentuação em períodos de crise, pelo que, julgo, que o descomprometimento das

mulheres relativamente ao mercado de trabalho carece de uma análise sistemática que permita salientar os factores que fazem realmente a diferença.

Situação distinta é a de Ana, outra operária da Estaco que, aos 46 anos, perdeu o emprego. Beneficiando, ainda, do subsídio social de desemprego, as expectativas de Ana aparecem mais indefinidas. A única certeza que consigo carrega ao longo da entrevista é a de que se tornou inútil, a idade pesando sobre ela como se de uma fatalidade se tratasse. Ela, que, mãe solteira, «deu» um curso universitário ao filho. Ela, que nunca precisou de ajuda. Ela, que sempre foi independente. Ela, que não sabe, agora, o que fazer. Em Ana, o desemprego parece ter um efeito paralisante.⁵ Efeito que as entrevistas, enquanto momento de suspensão do tempo, podem captar, mas que, na sua voracidade, proíbe a vida. Daí a urgência em dar vida às vidas que compõem o desemprego. Daí a importância da realização de estudos longitudinais que coloquem em relação as características pessoais dos/as desempregados/as, os contextos de vivência da situação de desemprego, e o tempo de duração do desemprego.

– Ana: *[Q]uando me chamaram lá do desemprego [Centro de Emprego], era para uma fábrica que ia abrir. Era para fazer expositores de loiça e sanitários. Só que lá está, pesou a idade. Chamaram muita gente que estava no desemprego e quem nos foi entrevistar foi o patrão e ele disse logo que ia buscar pessoas para trabalhar, que não era para fazer contratos e mandar embora, era mesmo para a pessoa aprender e se depois gostasse e se estivessem contentes dos dois lados, era mesmo para ficar. Mas ele disse logo que primeiro eram os mais novos.*

– **Entrevistador: Ele disse isso abertamente?**

– Ana: *Disse, disse. A mim e às minhas colegas, disse logo. Porque o desemprego chamou muita gente para ir a entrevista, mas ele disse logo que não tinha nada contra nós, até porque não conhecia o nosso trabalho, mas que ia optar pelos mais novos. O que não quer dizer que os mais novos sejam mais trabalhadores, mas pronto.*

– **Entrevistador: Quais são as suas perspetivas para o futuro?**

– Ana: *Eu sei lá! Quando chegar ao fim do subsídio não sei! Não faço ideia, mas alguma solução tenho de encontrar. Qual é que ainda não sei.*

⁵ Que não é o mesmo que falar em “instalação na dependência”, para retomar os termos de Serge Paugam (2003). Pelo que nos foi dado a constatar com os/as desempregados/as da Estaco, a dependência é *consentida* pelas instituições, que se mostram incapazes de apresentar soluções a um público «difícil», e considerada *legítima* por parte dos/as desempregados/as, tendo em conta a sua carreira contributiva, as razões subjacentes à sua retirada do mercado de trabalho e a ausência de ofertas institucionais viáveis. Assimilados/as à categoria do «desemprego envelhecido e desqualificado», fica marcada a relação das instituições de apoio com este grupo de desempregados/as pela resignação recíproca (Centeno *et al.*, 2001; Demazère, 2002; Araújo, 2008), *dependência consentida* e *dependência legítima* delimitando, num mesmo movimento, as fronteiras *daquilo que se pode fazer* e *daquilo que se pode esperar*.

(...) *Mas é como lhe digo, tenho de começar a ver se... Agora no início do ano ver se começo a ver...*

O desemprego não corresponde a uma condição estática que faça tábua rasa das diferenças entre desempregados/as (Schnapper, 1994); não é um estado que, por osmose, nos coloca na presença de um grupo social homogéneo cujas experiências possam ser banalizadas pela sua redução a uma categoria que nada diz sobre as dinâmicas do desemprego (Demazière, 1995) e sobre os factores estruturais que concorrem no forjar de vivências heterogéneas do desemprego. Que nada diz, em suma, sobre desempregados e, principalmente, sobre desempregadas.

Ao arrancar desempregados e desempregadas da Estaco a um coletivo abstrato e desenraizado, ao tornar mais claros os contornos da sua humanidade, torna-se igualmente mais clara a fragilidade das condições que conferiam à felicidade destes/as sobreadaptados/as a sua plenitude e a fragilização da situação em que passam a existir quando desaparecem estas condições ou, pelo menos, uma condição basilar: o emprego remunerado.⁶

O que cativa em Andreia é a resistência, é a sua recusa em tornar-se invisível. Andreia, contraria a tendência de retraimento em direção à esfera doméstica presente em Teresa e em Sara e a indefinição paralisante manifesta por Ana, investindo e investindo-se na procura de um novo emprego, que a leva a um questionamento de si própria e a equacionar as oportunidades que se lhe abrem com um «pragmatismo» do qual transparece esse modo silente de violência que é a violência simbólica exercida sobre as mulheres (Amâncio, 1994; Perrot, 1995; Godelier, 1995; Bourdieu, 1998). Fazendo-se mais íntima a audição da narrativa de Andreia, o que transparece no seu testemunho é o enleio suave de um destino que se deve pragmaticamente aceitar às expensas de si e dos seus sonhos. A questão que se coloca – questão pouco audível neste campo e talvez, para muitos, não problemática –, é a da liberdade de escolha na realização pessoal e profissional de si e o estreitamento dessa liberdade na sequência da perda de um emprego remunerado para as mulheres.

2. Andreia: uma narrativa de desemprego

As alterações drásticas nos percursos de vida – como são o desemprego para determinadas pessoas, em determinados espaços e em determinadas etapas de vida –, obrigam a adaptações e implicam redefinições identitárias que, a não serem solicitadas ou a não encontrarem uma possibilidade de comunicação (Pollak e Heinig, 1986: 51), escorregam para o silêncio.⁷ Surgindo num momento crítico de uma trajetória

⁶ Pedimos emprestada a imagem a Michel Tournier (1996): “O sobreadaptado é feliz no seu meio ‘como um peixe dentro de água’. (...) O que significa que a sua felicidade é tanto mais frágil quanto é completa” (TA).

⁷ Michael Pollak (2000) concebe as entrevistas como resultando do encontro entre três condições fundamentais: a disposição para falar, a possibilidade de ser ouvido e as condições, variáveis no espaço e no tempo, que tornam os testemunhos comunicáveis.

de vida, o desemprego interrompe a continuidade de um projeto de vida ao mesmo tempo que a continuidade subjetiva. Um adeus do ser a si mesmo ou, pelo menos, a uma parte importante de si, que, conseqüentemente, precisa de se recompor, de encontrar um novo rumo.

Andreia, nome fictício, ficou desempregada com 42 anos. Em dezembro de 2005, aquando da entrevista, tinham passado quatro anos sobre o encerramento da fábrica e Andreia, então com 46 anos, continuava à procura de um emprego cujas condições, intrínsecas e extrínsecas, se aproximassem daquelas que possuía na Estaco e que configuram o seu ideal de emprego. Apesar de trabalhar em *part-time* (quatro horas) numa creche, Andreia continua a pensar-se como «estando no desemprego» e a apresentar-se como «desempregada». O *part-time*? “É só mesmo para os meus botões. Faço quatro horas, isso não dá nada, não é? Não dá nada. Mas, pronto, é só mesmo para sair de casa, como dizem as minhas colegas”.

Residente na Pedrulha (Coimbra), casada e com duas filhas dependentes, Andreia, com o nono ano, é a entrevistada com mais habilitações literárias. Para Andreia, a frequência do ensino não foi, porém, linear. Num primeiro momento, conclui “normalmente” o sexto ano do 2º Ciclo, tendo então interrompido a escolaridade para, com 14 anos, ingressar na Estaco.

A entrada para a Estaco representa um momento importante, na medida em que significa segurança e estabilidade e, conseqüentemente, a possibilidade de alimentar e concretizar projetos de vida.⁸ Significa, igualmente, a aquisição de uma maior independência financeira, o que não implica que essa seja acompanhada por uma maior autonomia (Chaland, 2001).

Andreia retoma a escola após o casamento, com cerca de 26 anos, e conclui, então em regime noturno, o 3º Ciclo. Este dado é importante, na medida em que Andreia justifica o facto de ter retomado a escolaridade com essa idade, não apenas devido à entrada precoce na fábrica, mas, principalmente, pelo facto de, quando solteira, a família não aceitar a frequência do ensino em regime noturno. O casamento irá dar-lhe “mais liberdade” relativamente aos constrangimentos familiares. Mas, então, porquê até ao nono ano? Andreia explica e, nesse processo, explica-se procurando sempre tornar-se compreensível (Bourdieu, 1993b):

“Eu casei com 26 anos e, naquela altura, as mães achavam que as meninas estudar à noite nem pensar. Portanto, nunca tive oportunidade de continuar de noite. E depois de me casar, digamos que tinha mais liberdade, e então fui até ao nono. E a partir daí... já não deu mais. Com as duas pequenitas... já não dá.”

⁸ Como lembra Boaventura de Sousa Santos (1993), foi a segurança de emprego que permitiu aos trabalhadores gozar neste século de um privilégio que antes era reservado à burguesia: o privilégio de planejar a vida, a educação dos filhos, a compra dos eletrodomésticos, o carro, o gozar de férias e, para os mais afortunados, a compra da casa. A insegurança do emprego torna impossível fazer planos. Tem que se viver para o dia de hoje, senão mesmo para o dia de ontem.

Desta feita é o nascimento das filhas que a impede de continuar a estudar, que torna impossível continuar. Os constrangimentos familiares continuam, senão por via dos ascendentes, então, pelos descendentes.

No decorrer da entrevista, tenderão a regressar, por um lado, a valorização da instrução – assumindo, desta feita, a roupagem da formação profissional – e, por outro, as justificações relativamente ao abandono da escolaridade, transparecendo nessa tensão um dilacerante debate interior que coloca em confronto habilitações e qualificações formais – e as razões para a sua não aquisição – e experiência profissional – e as razões para a sua invalidação.

Na Estaco, como Técnica Analista Química, uma posição “conquistada” graças a uma experiência profissional reconhecida, a falta de habilitações formais limitará as suas possibilidades de progressão na carreira. “Cá fora”, como desempregada, a falta de qualificações formais irá impedi-la de regressar ao que sempre fez, ao que sabe fazer, ao que gostava de fazer.

– **Entrevistador: O que é que fazia concretamente na Estaco?**

– Andreia: *Estava no laboratório. Era analista. Mas, agora, cerâmicas na zona centro...*

– **Entrevistador: É difícil?**

– Andreia: *É, não é nada fácil. Aliás, eles agora querem tudo com curso superior e eu não tenho, não é? Fui para a Estaco com 14 anos.*

– **Entrevistador: Tem experiência...**

– Andreia: *Tenho a experiência de uma vida inteira. Mas eu tentei ir para [uma fábrica de vidro], mas entrou um rapaz que tinha acabado de sair do curso. E eles queriam uma pessoa com experiência. [Risos]*

A experiência não chega. Não, «cá fora», onde «é tudo diferente». Onde os títulos se sobrepõem à experiência e a idade sanciona. Carecendo de lugar de aplicação, a experiência profissional acumulada por Andreia depressa se tornará inútil, desqualificada (Santos, 2002). O desemprego tem, de facto, esse efeito perverso de poder tornar o passado no mais obsoleto dos tempos.

Perante uma experiência profissional tão ampla quanto circunscrita; oportunidades de emprego locais escassas, senão nulas; um mercado de trabalho hostil a pessoas que ultrapassem um determinado patamar etário; e uma impossível mobilidade geográfica; resta a Andreia reconverter-se, adaptar-se. Andreia terá de “fechar uma porta”, “passar a esponja”, “abrir os olhos”. Andreia terá, em suma de tornar-se outra.

Os cuidados às crianças aparecem, então, como uma opção possível, como uma nova oportunidade. Uma opção ensaiada, é certo, num Programa Ocupacional que ela própria procurou quando cessou o período de indemnização, mas, também, porque Andreia «não se importa», mas também porque Andreia «gosta de crianças». No final do primeiro ano de desemprego, período confuso e doloroso, durante o qual se fecha em casa, lugar seguro, à espera que a fábrica, outro lugar seguro, volte a abrir, Andreia teve de “abrir os olhos e dizer não há mais, pronto, acabou”.

A penosidade do primeiro ano de desemprego é comum a mulheres e homens. Em todos/as eles/as se encontra a esperança de que a fábrica volte a abrir, o choque da rutura, a perda de referências, o desfazer das rotinas, a incerteza relativamente ao significado do desemprego, aos apoios, e aos poderes institucionais. É este o momento das entrevistas em que entrevistadas e entrevistados desfiam a sucessão de perdas e desencantamentos que representa o desemprego. É este o momento em que se emocionam. Mulheres e homens não conseguem falar da Estaco com distanciamento. A história da Estaco será sempre uma história pessoal para quem a tenta contar. O fim da Estaco representará sempre a morte de um pedaço deles/as próprios/as.

Ao cabo do primeiro ano, torna-se claro que não será por via institucional que Andreia encontrará um emprego, o que implica uma avaliação das condições objetivas de que dispõe para regressar ao mercado de trabalho. As primeiras experiências, mal sucedidas, dar-lhe-ão uma imagem mais clara dos obstáculos que enfrenta e das opções que se lhe abrem. Uma dessas tentativas fêlhas consistia em trabalhar por turnos. A razão para a recusa por parte de Andreia para trabalhar nessas condições é dada pelo marido em discurso direto: “Já viste, temos as duas miúdas, eu não tenho horas para chegar a casa, não temos ninguém que fique com elas, como é que a gente faz?”. Fim do período de indemnização, todas as despesas passam a ser asseguradas pelo ordenado único do marido que “sai de manhã e volta tarde à noite porque tem de suportar as despesas todas”. É também um acto de resistência conseguir evitar o Anjo do lar (Woolf, 2004).

É neste contexto que surgem os cuidados às crianças. É perante este contexto que a resistência de Andreia encontra um trilho, um destino de mulher. O desassossego encontra-se, precisamente, na forma aparentemente fortuita com que esse trilho se lhe apresenta e no modo aparentemente sereno com que Andreia se lhe entrega.

Intrusa num mundo laboral desconhecido, Andreia irá frequentar sucessivas ações de formação na área dos cuidados às crianças. Instruir-se, especializar-se, ganhar currículo nessa nova área. Se a falta de habilitações pesou sobre a sua vida, frequentar essas ações de formação aparece como uma garantia de que essa lacuna – pela qual Andreia aprendeu a responsabilizar-se – não continuará a ser uma desvantagem a acumular a outras, como a idade, por exemplo. Um modo de conjurar as contingências e, simultaneamente, de readquirir controlo sobre uma vida estilhaçada na sequência do desemprego.

“Sou uma pessoa que gosta de perceber aquilo que estou a fazer e estar a fazer as coisas no ar para mim não é bom. Assim, como já tenho um curriculum muito grande nesta área, e numa creche vai-se conhecendo muita gente, sempre que aparece alguma coisa no jornal vou-me inscrevendo, pronto, sempre na esperança de arranjar alguma coisa, de arranjar um horário, um ordenado. Pronto, mudar a situação. Voltar à situação em que estava, não é?”

Ferida a vida, Andreia abdica do que era para voltar ao que se tinha: um horário, um salário, um emprego. Para recuperar autonomia e independência.

– **Entrevistador: Esse é o grande objetivo?**

– Andreia: *É o grande objetivo: voltar a uma situação estável, seja na área da cerâmica, seja na área em que eu estou agora. Porque, sem uma situação estável acho que ninguém consegue, ninguém consegue ir para a frente. É muito difícil. É dar voltas e mais voltas e chegar à conclusão que já se está a precisar de ajuda psiquiátrica.*

Quanto ao futuro a opção passa por continuar a frequentar ações de formação na área dos cuidados a crianças, por se redescobrir, em suma, num trilho já inventado, até que surja uma oportunidade de trabalho digno.

– Andreia: (...) *Enfim espero que melhores dias virão!*

– **Entrevistador: Espero bem que sim.**

– Andreia: *Espero bem que sim, mas às vezes duvido.*

O desemprego tem, de facto, esse efeito perverso de poder tornar o futuro no mais incerto dos tempos.

Considerações finais

As pessoas vulneráveis não têm, é certo, nada de excepcional (Paperman, 2006). Algumas há, porém, mais vulneráveis às excecionalidades. Mais vulneráveis aos acidentes de percurso, às traições do meio.

O que a Estaco, como tantas outras fábricas, torna patente, é o modo como, por um lado, uma história industrial local e as histórias individuais se podem perigosamente entrelaçar e, por outro, o modo como a fragilização territorial, evidenciada neste caso pelas perdas registadas no tecido industrial local, se pode traduzir na fragilização das condições de existência de determinados segmentos da população. O que a Estaco, como tantas outras fábricas, torna patente é o carácter mistificador que podem assumir as ideias descarnadas da autonomia e da responsabilidade de cada qual pela sua vida, pela criação da sua própria biografia (Benarrosh, 2000).

No caso das mulheres, o que se procurou mostrar foi que, em determinadas circunstâncias de vida e para determinados modos de ser mulher em determinados lugares, a perda do emprego pode resultar num estreitamento dos horizontes e num delineamento de destinos condicionados pela condição de mulher.

Ser mulher constitui, de facto, um importante recurso para lidar com os efeitos da privação de emprego, mas constitui, igualmente, um importante constrangimento na sua resolução. Vimo-lo com Teresa e Sara, é porque mulheres que as desempregadas, cujo perfil se aproxime das desempregadas da Estaco, poderão encontrar na esfera

doméstica a possibilidade de resistir à destabilização e à estigmatização provocada pelo desemprego.⁹ As ex-trabalhadoras da Estaco dão conta, efetivamente, de um quotidiano preenchido com as tarefas domésticas e com os cuidados de proximidade (aos netos, na sua maioria), o que, aliás, esteve na base de muitas das recusas por parte das mulheres para serem entrevistadas. Todavia, tal não é suficiente para impedir que o desemprego e os tempos do desemprego sejam vividos de forma menos dolorosa. Todas partilham um sentimento comum: a vontade de regressar à fábrica. Um regresso à fábrica que significa, acima de tudo, o regresso a uma situação de independência financeira, à estabilidade, à segurança. Quando reclamam o regresso à fábrica não o fazem certamente devido à natureza e às condições de trabalho – bem marcadas na mente, nas mãos, nos corpos –, mas por verem perdidas a sua independência, a sua autonomia e a possibilidade, por mais penosa que seja, de uma realização profissional e pessoal de si. Fazem-no porque apreensivas perante a dura constatação de que eram «prisioneiras do meio», um meio que não podiam abandonar sob pena de vacilarem para um futuro incerto. O desamparo de Ana encontra aqui plena ressonância.

Operárias da Estaco, trabalhadoras assalariadas, as vidas destas mulheres poderiam continuar a correr sem que se tornasse manifesto o modo como a sua condição de mulheres, pesando sempre sobre as suas vidas, passou agora a condicionar os seus destinos. O maior obstáculo que as desempregadas da Estaco enfrentam parece residir na imposição silenciosa de uma particular forma de *ser* mulher com a qual têm de alinhar «pragmaticamente» para responder à tirania da necessidade. A reconversão profissional na área dos cuidados às crianças protagonizada por Andreia não representa senão um prolongamento para a esfera do mercado do princípio que impera na esfera privada, a saber, a garantia do cuidado às crianças assegurada pelas mulheres (Santos, 1993; Portugal, 2008; Macedo e Santos, 2009; Coelho, 2010). O facto de os cuidados às crianças aparecerem como uma opção de reconversão profissional lógica, natural até, torna claro, por um lado, o lugar que continuam a ocupar determinadas mulheres na sociedade portuguesa e, por outro, os destinos traçados, as restritas oportunidades que se lhes abrem na sequência dessas contingências, desse acidente que o podem ser nas suas causas, mas que o não serão certamente nos seus efeitos, e ainda menos na forma como atingem diferentemente diferentes mulheres.

Ouvindo Teresa, Sara, Ana, mas, principalmente, ouvindo Andreia, o que se percebe é a importância decisiva do trilha que, silencioso, se ocultava por debaixo daquele por onde seguia a vida destas mulheres antes de vacilar para a incerteza. Em *Professions for Women*, Virginia Woolf fala das dificuldades que encontrou para matar o Anjo no lar (*Angel in the House*) e para que esse permanecesse morto.¹⁰ “É mais

⁹ Tal como os homens encontrarão na agricultura ou na possibilidade de recorrerem à construção civil homólogos destinos traçados para lidar com o desemprego. O que se procura salientar, acima de tudo, é a importância de, nas estratégias para lidar com o desemprego, nas estratégias de procura de um novo emprego, e nas eventuais condições de reintegração no mercado de trabalho na sequência do desemprego, considerar sempre os efeitos da diferença sexual, sob pena de ficarmos perante uma imagem “do desempregado”, que ficará sempre aquém da realidade.

¹⁰ Discurso proferido em 1931, na *National Society for Women's Service*. [Consult. a 29 de dezembro de 2009]. Disponível em: <http://s.spachman.tripod.com/Woolf/professions.htm>.

difícil matar um fantasma do que uma realidade”, diz Woolf. Para muitas mulheres, para além de continuar bem vivo esse Anjo, permanecem ainda muitos fantasmas com quem lutar. Fantasmas que podem, por vezes, ser os próprios caminhos. Os próprios destinos.

Perante a ampliação do fenómeno do desemprego, mais do que nunca desempregados e desempregadas precisam de existir e, conseqüentemente, de uma análise que torne as suas experiências dizíveis e visíveis, de uma análise que os/as torne reais. Mais do que nunca, desempregados e desempregadas precisam de conhecimento e, principalmente, de um reconhecimento que permita, efetivamente, que justiça seja feita quando se trata de reconhecer os seus direitos e, talvez de forma mais urgente, de impor deveres.

Governar a insegurança social e, em particular, a insegurança indissociavelmente aliada à condição salarial representa um dos maiores desafios das sociedades contemporâneas. Se as experiências do desemprego colocam os indivíduos face-a-face consigo mesmos, o desemprego coloca as sociedades face-a-face consigo mesmas. A revolução em curso na alteração do significado social do desemprego (Ortega e Pascual, 2006), no sentido de uma maior responsabilização dos indivíduos, ameaça deixar uma parte substancial das desempregadas e dos desempregados frente a um reflexo que não é o delas/deles. Um reflexo feito de capacidades que muitas/os não detêm e de oportunidades que para muitas/os não existem.

Referências Bibliográficas

AMÂNCIO, Lígia (1994), *Masculino e Feminino. A Construção Social da Diferença*, Porto, Edições Afrontamento.

ARAÚJO, Pedro (2008), *A Tirania do Presente. Do Trabalho para a Vida às Incertezas do Desemprego*, Coimbra, Quarteto.

BAKKE, E. W. (1933), *The Unemployed Man*, London, Nisbet.

– (1940), *The Unemployed Worker*, New Haven, Yale University Press.

BENARROSH, Yolande (2000), “Le travail: norme et signification”, *Document de Travail*, 4, Centre d’Études de l’Emploi et Centre d’Études et de Recherche sur les Qualifications.

BOURDIEU, Pierre (dir.) (1993a), *La Misère du Monde*, Paris, Éditions du Seuil.

BOURDIEU, Pierre (1993b), “Comprendre”, in Pierre Bourdieu (dir.), *La Misère du Monde*, Paris, Éditions du Seuil, p. 1389-1447.

– (1998), *La Domination Masculine*, Paris, Seuil.

CAMUS, Albert (1956), *La Chute*, Paris, Gallimard.

CASTEL, Robert (1995), “Les pièges de l’exclusion”, in *Lien Social et Politiques*, 34, 13-21.

CENTENO, Luís (2003), “Exclusão social e desenvolvimento: como o novo mercado de trabalho pode ser um gerador de exclusão”, in *Sociedade e Trabalho*, 14/15, 33-46.

CENTENO, Luís [et al.] (2001), *Os Trabalhadores de Meia Idade Face às Reestruturações*

e Políticas de Gestão de Recursos Humanos, Coleção Estudos e Análises, nº 30, Observatório do Emprego e Formação Profissional.

CHALAND, Karine (2001), “Pour un usage sociologique de la double généalogie philosophique de l’individualisme”, in François de Singly (dir.), *Être Soi d’un Âge à l’Autre. Famille et Individualisation*, Paris, L’Harmattan, pp. 31-43.

CLAYTON, Clive (1988), “The psychological effects of unemployment: a selected overview”, in *The Journal of the Royal Society for the Promotion of Health*, 108, 29-33.

COELHO, Lina (2010), *Mulheres, Família e Desigualdade em Portugal*, Tese de Doutoramento, Coimbra, Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.

COMMAILLE, Jacques (1999), *Famille et Chômage – Rapport*, Paris, Haut Conseil de la Population et de la Famille.

DEMAZIÈRE, Didier (1995), *La Sociologie du Chômage*, Paris, La Découverte.

– (2002), “‘Chômeurs âgés’ et chômeurs ‘trop vieux’, articulation des catégories gestionnaires et interprétatives”, in *Sociétés Contemporaines*, 48, 109-130.

DEMAZIÈRE, Didier; DUBAR, Claude (1997), *Analyser les Entretiens Biographiques. L’Exemple des Récits d’Insertion*, Paris, Nathan.

DEMAZIÈRE, Didier; GUIMARÃES, Nadya Araújo (2006), “Unemployment as a biographical experience”, in Kazutoshi Kase; Kurumi Sugita (eds.), *The Unemployed and Unemployment in an International Perspective. Comparative Studies of Japan, France and Brazil*, Tokyo, Institute of Social Sciences of the University of Tokyo, pp. 68-147.

GALLIE, Duncan; MARSH, Catherine; VOGLER, Carolyn (1995), *Social Change and the Experience of Unemployment*, Oxford, Oxford University Press.

GALLIE, Duncan; PAUGAM, Serge (eds.) (2000), *Welfare Regimes and the Experience of Unemployment in Europe*, Oxford, Oxford University Press.

GIROUX, Henry (2006), “Katrina and the Politics of Disposability”, in *In These Times*, September 14, 2006. [Consult. a 20 de junho de 2011]. Disponível em: <http://www.inthesetimes.com/site/main/article/2822/>.

GODELIER, Maurice (1995), “Du quadruple rapport entre les catégories de masculin et de féminin”, in EPHESIA, *La Place des Femmes. Les Enjeux de l’Identité et de l’Égalité au Regard des Sciences Sociales*, Paris, La Découverte, pp. 439-442.

LAZARSFELD, Paul; JAHODA, Marie; ZEISEL, Hans (1981), *Les Chômeurs de Marienthal*, Paris, Les Éditions de Minuit.

LEDROUT, R. (1966), *Sociologie du Chômage*, Paris, PUF.

LINHART, Danièle (2003), *Perte d’Emploi, Perte de Soi*, Paris, Éditions Érès.

MACEDO, Eunice; SANTOS, Sofia (2009), “Apenas mulheres? Situação das mulheres no mercado de trabalho em quatro países europeus”, in *Ex aequo*, 19, 129-155.

MARSHALL, G. (1984), “On the sociology of women’s unemployment, its neglect and significance”, in *Sociological Review*, 32 (2), 234-259.

ORTEGA, Antonio Santos; PASCUAL, Amparo Serrano (2006), “El giro copernicano del desempleo actual”, in *Cuadernos de Relaciones Laborales*, 24 (2), 1-19.

PAPERMAN, Patricia (2006), “Les gens vulnérables n’ont rein d’exceptionnel”, in Patricia Paperman; Sandra Laugier (eds.), *Le Souci de Autres. Éthique et Politique du Care*, Paris, Édition de l’EHESS, pp. 281-297.

PERROT, Michelle (1995), “Identité, égalité, différence. Le regard de l’histoire”, in EPHESIA, *La Place des Femmes. Les Enjeux de l’Identité et de l’Égalité au Regard des Sciences Sociales*, Paris, La Découverte, pp. 39-56.

POLLAK, Michael; HEINIG, Nathalie (1986), “Le témoignage”, in *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 62-63, 3-29.

PORTUGAL, Sílvia (2008), “As mulheres e a produção de bem-estar em Portugal”, in *Oficina do CES*, 319, 1-40.

REIS, José (2004), “Estado, mercado e comunidade: A economia portuguesa e a governação contemporânea”, in *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 70, 81-100.

RÉMILLON, Delphine (2006), “L’épreuve du chômage vue par les chômeurs âgés”, in *Document de Travail*, 61, Noisy-le-Grand, Centre d’Études de l’Emploi.

ROSA, Maria Teresa Serôdio [et al.] (2001), *O Desemprego numa Zona Crítica de Portugal. O caso de Azambuja: Realidades e perspectivas de transformação*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

SANTOS, Boaventura de Sousa (1993), “O Estado, as relações e o bem-estar na semiperiferia: o caso português”, in Boaventura de Sousa Santos (org.), *Portugal: Um Retrato Singular*, Porto, Afrontamento, pp. 15-56.

– (1998), *Reinventar a Democracia*, Lisboa, Fundação Mário Soares/Gradiva Publicações.

– (2002), “Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências”, in *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 63, 237-280.

SCHNAPPER, Dominique (1994), *L’Épreuve du Chômage*, Paris, Gallimard.

TOURNIER, Michel (1996), *Le Roi des Aulnes*, Paris, Gallimard.

WILCZYŃSKA-KWIATEK, Agnieszka; BARGIEL-MATUSIEWICZ, Kamilla (2008), “Contemporary picture of women’s unemployment. Personality conditioning of unemployment and its consequences for psychic health”, in *Archives of Psychiatry and Psychotherapy*, 10 (4), 63-68.

WOOLF, Virginia (2004), *A Room of One’s Own*, London, Penguin Books.

ABSTRACT/RÉSUMÉ

Abstract

Senior feminine unemployment: A history of resistance to invisibility

Based upon the unemployment narratives of four women and mostly in Andreia, who lost her laboratory analyst job when a ceramic factory from Coimbra (Portugal) bankrupted in 2001, the article analyses the way women confronts themselves with a rigid and sexually differentiating structure of job opportunities. The *horizons narrowing* – render intelligible by the reduction of job opportunities – and the *destiny inescapability* – expressed by a market reintegration only made possible through «feminine» and disqualified activities – reveal the way in which the inequalities that are still present in the Portuguese market place find echo in women’s unemployment experiences.

Keywords: Feminine unemployment; Unemployment experiences; Opportunity structure; Testimony.

Résumé

Chômage féminin senior: Une histoire de résistance à l'invisibilité

Partant de l'expérience du chômage de quatre femmes d'une usine de Coimbra (Portugal) mise en faillite en 2001 et insistant principalement sur l'histoire d'une d'elles, Andreia, cet article vise à montrer la façon dont la perte d'emploi à un moment critique des parcours de vie et professionnels fonctionne comme un réducteur d'opportunité opérant aussi bien au niveau des stratégies d'affrontement de l'épreuve de la privation d'emploi, que dans la transition chômage-retour à l'emploi. Andreia n'a jamais été complètement *ouvrière*, mais en cessant de l'être elle perd, en même temps, ce qui l'empêchait de n'être *que femme*. La rétraction d'horizons – qui s'exprime en une réduction des options professionnelles envisageables – et les destins tracés – qui s'exprime en des débouchés du chômage par le biais d'activités *féminines* et disqualifiées – révèlent, avant tout, comment les inégalités, toujours présente pour les femmes sur le marché du travail portugais, se calque dans leurs expériences du chômage.

Mots-clés: Chômage; Expérience féminine du chômage; Structure d'opportunité; Témoignage.